

A preparação de jovens tenistas para a competição: um estudo exploratório a partir das percepções de treinadores

The preparation of young tennis players for the competition: an exploratory study from the perceptions of coaches

Rodrigo Borges Silveira, Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 13 julho 2020
Revisado: 06 outubro 2020
Aprovado: 15 outubro 2020

PALAVRAS-CHAVE:

Tênis;
Competição infantojuvenil;
Esporte.

KEYWORDS:

Tennis; Children and youth
competition; Sport.

RESUMO

OBJETIVO: Pesquisar como ocorre, na visão dos treinadores, a preparação de crianças e jovens para as competições de tênis, procurando responder às 3 categorias norteadoras idealizadas por Marques (2004), referentes à Teoria das Competições, enquanto um Modelo de Educação de Crianças e Jovens: os modelos das competições para jovens tenistas; o contexto da relação vitórias x derrotas; e a frequência nas competições dos jovens tenistas.

MÉTODOS: Participaram do estudo 11 treinadores, de 6 clubes e 3 academias de 4 estados brasileiros. O estudo apresenta uma análise qualitativa, com pesquisa descritiva exploratória, a partir dos dados obtidos das entrevistas, realizadas com questionário semiestruturado. A análise dos dados deu-se a partir das 3 categorias de Marques (2004).

RESULTADOS: A análise de conteúdo permite observar que as competições para jovens tenistas estão mais bem estruturadas, principalmente nos estágios iniciais. Com relação ao contexto de vitórias e derrotas, os relatos indicam que as condições atuais não atendem aos fundamentos preconizados por Marques (2004), e ainda há muito o que se evoluir nesse âmbito, principalmente no sentido de desenvolver, com as crianças e jovens, o “saber perder e o saber vencer”. A respeito da frequência maior ou menor das competições, houve um desenvolvimento, mas não suficiente para atender às ideias do autor, pois muitos jovens são vetados de competir por seus treinadores; ou, por outro lado, atletas competem em grande quantidade, mas sem considerar-se o número de derrotas.

CONCLUSÃO: De acordo com os treinadores entrevistados, há sinais de evolução de vários aspectos da preparação de jovens tenistas para competições, mas muito do que acontece na prática vai de encontro às propostas teóricas aqui apresentadas, o que indica a necessidade de intervenção para o alinhamento entre as práticas recomendadas pela literatura e as condutas efetivas dos treinadores.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To investigate how, in the coaches' view, children and young people prepare for tennis competitions, seeking to answer the 3 guiding categories idealized by Marques (2004), referring to the Theory of Competitions, as a Model of Education for Children and Youth: competition models for young tennis players; the context of the win-lose relationship; and attendance at young tennis players' competitions.

METHODS: Eleven coaches participated in the study, from 6 clubs, and 3 gyms from 4 Brazilian states were interviewed. The study presents a qualitative analysis, with descriptive exploratory research, from the data obtained from the interviews, carried out with a semi-structured questionnaire. Data analysis took place from the 3 categories of Marques (2004).

RESULTS: Content analysis shows that competitions for young tennis players are better structured, especially in the early stages. With regard to the context of victories and defeats, the reports indicate that the current conditions do not meet the fundamentals advocated by Marques (2004), and there is still a lot to evolve in this area, mainly in the sense of developing, with children and young people, the “knowing how to lose and knowing how to win”. Regarding the higher or lower frequency of competitions, there was a development, but not enough to meet the author's ideas, as many young people are vetoed from competing for their coaches; or, on the other hand, athletes compete in large quantities, but without considering the number of defeats.

CONCLUSION: According to the interviewed coaches, there are signs of evolution of various aspects of the preparation of young tennis players for competitions, but much of what happens in practice is in opposition to the theoretical proposals presented here, which indicates the need for intervention for alignment. between the practices recommended by the literature and the effective conduct of the coaches.

INTRODUÇÃO

A competição na infância e na juventude não é um fenômeno novo. Aires et al. (2016) relatam que a competição é, além da luta pela conquista do resultado, aquilo que chamamos de “espírito agônico”, ou seja, um combate que o indivíduo trava consigo mesmo para ultrapassar suas limitações e sua própria condição, proporcionando uma chance de adquirir novos conhecimentos. Entretanto, há muitas controvérsias com relação à participação de crianças e jovens em competições esportivas, fato que aguçou o interesse de pesquisadores com relação ao assunto. Muitos pedagogos, por exemplo, são a favor da iniciação à competitividade infantil, já outros são radicalmente contra (ROSE JÚNIOR, 2002; MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004).

Atualmente, o conceito mais aceito como referência para muitos pesquisadores é do autor Marques (2004), que define a finalidade da competição como a oportunidade de ofertar à criança uma avaliação de suas competências, confrontando-a com as demais e consigo mesma. Como consequência, ela pode expor suas capacidades e ter plenas condições de ultrapassar seus limites. É importante salientar que a competição, por décadas, foi organizada nos moldes do modelo adulto da competição, ou seja, como reprodução do modelo de alto rendimento. Por isso, é necessário que a ação com crianças e jovens seja repensada e que estes não sejam tratados como adultos (MARQUES, 2004; DE ROSE JÚNIOR; KORSAKAS, 2006, GONÇALVES et al., 2016).

Conforme os estudos relativos à Teoria das Competições, o Modelo de Educação de Crianças e Jovens de Marques (2004) prevê uma atenção maior à adequação às regras e à formatação das competições, a fim de que estejam adaptadas e sejam adequadas para crianças e jovens. As competições devem trazer para as crianças e jovens uma maior satisfação durante suas disputas, promovendo nelas um gosto pela rivalidade sadia.

Marques (2004) ressalta que muitos pedagogos eram contrários à introdução do esporte como forma de ensino e de desenvolvimento dos mais novos. Assumia-se que o desporto, por ser especificamente uma atividade de oposição, desenvolvia princípios negativos, como disputa e egocentrismo, prejudicando, assim, os valores da equidade e da reciprocidade. Autores como Bompa (2000) e Balyi e Hamilton (2004), que são contrários à competição na infância, também defendem que essa busca precoce por resultados nas competições prejudica o tempo de preparação para o aprimoramento do rendimento nos anos seguintes até o alto nível (BOMPA, 2000).

Segundo Marques (2004), a competição sempre precisa de situações concretas e definitivas, com processos de vitórias e derrotas. Sem elas, não se pode extrair das crianças e dos jovens todas as suas qualidades no esporte. A grandeza da vitória e a aceitação da derrota constituem condições para o desporto e podem ser úteis para o aprimoramento do ser humano. Aos treinadores, cabe o incentivo às crianças a praticarem e a continuarem nas competições; assim, com o tempo, elas aprenderão a perder e a vencer.

Por décadas, houve o embate entre teorias quanto à frequência das competições esportivas. De um lado, apresenta-se uma linha pedagógica que defende a participação de crianças

e jovens em competições institucionalizadas e no seu dia a dia, a fim de prepará-los para melhores condições na vida adulta (MARQUES, 2004; BALBINOTTI et al., 2009; FREIRE, 2012; WEINBERG; GOULD, 2017). De outro, defende-se o controle da quantidade de competições, já que a falta de uma preparação adequada pode promover o abandono precoce do esporte (BOMPA, 2000; 2009; BRACHT, 2005).

De acordo com Marques (2004), no âmbito do esporte tênis, conforme fosse aumentando a quantidade de participações em torneios desportivos, o preparo dos tenistas também aumentaria. Por isso, as competições deveriam estar adequadas ao padrão dos competidores e não ao modelo de alto rendimento (modelo adulto). Para o autor, as crianças que continuam a competir são incentivadas internamente por diversos motivos: com a vivência das vitórias, desenvolvem novas aptidões.

Baseado nessas informações, o estudo tem por finalidade responder às três categorias propostas por Marques (2004): a) Como se apresenta a adequação das regras nas competições para os jovens tenistas? b) Nesse processo, houve uma evolução da relação pedagógica entre vitórias e derrotas nos jovens tenistas? c) A frequência de participação em competições está adequada para os jovens tenistas?

MÉTODOS

O estudo apresenta uma análise qualitativa, resultante de uma pesquisa descritiva exploratória, realizada a partir das informações obtidas através de entrevistas semiestruturadas. A finalidade das entrevistas foi investigar, através dos relatos dos treinadores, sistemas ideais de competições e caminhos mais adequados para os jovens tenistas se prepararem para as disputas. De acordo com Flick (2009), o processo de realizar entrevistas é um dos principais métodos para a pesquisa qualitativa. Conforme Negrine (2010), interpretar as informações adquiridas e realizar uma discussão, relacionando-as com a teoria, reforça a compreensão dos fenômenos observados.

A seleção dos treinadores foi realizada por disponibilidade durante as competições nacionais Tennis Kids (CBT, 2020), disputadas no Torneio Brazil Jrs. Cup, em Porto Alegre, nos anos de 2020. Participaram da entrevista 11 treinadores de 4 estados, que treinam atletas dos 8 aos 11 anos de idade. Pelo critério de saturação de informações teóricas, chegou-se no número de 11 entrevistados (Quadro 1). As entrevistas foram realizadas durante as competições ou nos clubes e academias de origem dos treinadores, de setembro de 2019 a fevereiro de 2020, em locais reservados, distantes do público geral, com o objetivo de deixar os treinadores à vontade para responder aos questionamentos.

Com a finalidade de atender às categorias norteadoras deste estudo, foi elaborado um roteiro de questionamentos. O trabalho foi fundamentado pela Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004), sendo que as 12 perguntas motivadoras das entrevistas com os treinadores foram formuladas conforme as categorias teórico-metodológicas sugeridas pelo autor: (i) a adequação às regras a partir da infância, para que sejam compatíveis com suas aptidões e competências; (ii) a relação pedagógica entre vitórias e derrotas, na qual ambas são importantes para a formação dos mais jovens; (iii) a importância da frequência ou não das competições, em

que toda competição é importante, não só a competição institucionalizada, mas também aquela que ocorre durante o dia a dia.

Quadro 1. Perfil dos treinadores de tênis do Torneio Brazil Jrs. Cup (CBT), em Porto Alegre, 2020.

Treinador	Idade (anos)	Sexo	UF	Formação	Tempo de experiência (anos)	Experiência Internacional
A	38	M	MG	BAL	14	Não
B	42	M	MG	BAL	03	Não
C	38	M	RS	LIC	18	Não
D	37	M	RS	LIC	20	Não
E	33	M	RS	LIC	08	Sim
F	21	M	SP	BAL	03	Não
G	49	M	SC	PRO	25	Sim
H	46	M	RS	LIC	20	Sim
I	40	M	MG	SF	05	Não
J	48	F	RS	SF	25	Sim
K	60	M	RS	LIC	37	Não

Legendas: UF - Unidade Federativa; BAL - Bacharelado; LIC - Licenciatura; PRO - Provisoriado; SF - Sem formação na área.

Os treinadores foram esclarecidos com relação aos objetivos e procedimentos do estudo e demonstraram sua aceitação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Declaração de Participante. Foram respeitados todos os preceitos éticos exigidos pelas Resoluções N.º 466/2012 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012) e N.º 510/2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016), com relação a pesquisas com seres humanos. Todos os encontros foram gravados com um gravador digital, a fim de que nenhuma informação importante fosse perdida. Em seguida, foram realizadas as transcrições das entrevistas e o seu envio, via e-mail, para os entrevistados, a fim de que aprovassem os textos transcritos. Foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo em sigilo suas identidades e utilizando-se somente as informações autorizadas pelos participantes.

RESULTADOS

Os modelos das competições para os jovens tenistas

A finalidade principal desta investigação foi responder às 3 categorias preconizadas por Marques (2004), através da contribuição da narração dos treinadores entrevistados. O relato dos participantes permitiu revelar a visão de um grupo de treinadores, relacionados à competição de crianças e jovens tenistas. Os entrevistados apontaram, de forma unânime, que as competições para crianças e jovens deveriam ser mais atraentes e menos excludentes. Associado a este ponto de vista, eles abordam a necessidade de as competições infantojuvenis terem disputas mais curtas e com sistemas de pontuações mais interessantes.

No tênis, apresentam-se formas distintas de competições para crianças e jovens, com diversos tipos de regras e formatos de disputas. Para crianças de até 10 anos, surgiu o Tennis 10's. Essa categoria é um modelo competitivo criado pela Federação Internacional de Tênis com a finalidade de desenvolver crianças com 10 anos ou menos, através de competições adequadas para suas faixas etárias, através de estágios com quadras, raque-

tes e bolas apropriadas (ITF, 2019a). Os estágios mencionados neste artigo são o estágio laranja, compreendendo uma quadra com dimensão de 18 x 6,5 metros e utilizando a bola laranja, que é 50% mais lenta do que a bola oficial; e o estágio verde, que abrange toda a quadra oficial (23,77 x 8,23 metros), e utiliza a bola verde, 25% mais lenta do que a bola oficial.

Com relação a essas competições, o Treinador J apresenta evoluções ocorridas nos últimos tempos nas categorias Tennis 10's:

"As quadras adaptadas [...] evitam as empunhaduras extremas. [Com] elas, a gente já tem as ferramentas pra trabalhar a continental, pra trabalhar a mecânica, pra se acelerar a raquete num top spin. Então, eu acho que sim, as quadras menores já nos facilitam muito essa parte técnica. [...] Então, impressionantemente, é demais ver [o] quanto os rallies, [o] quanto a laranja aperfeiçoa, [o] quanto aguça a leitura da percepção da jogada, da percepção de onde a bola tem que ir, depois de uma quadra aberta, o quanto melhora o olho da criança pra ver o xadrez do tênis, essa parte tática, pra ver as distâncias, os maiores possíveis, os buracos da quadra."

Alguns entrevistados apresentaram sugestões de alterações nos modelos de disputas das competições quanto às formas de pontuação, às dimensões das quadras e à duração dos jogos. Em um panorama geral entre as declarações dos entrevistados, apresenta-se que o tempo de duração das partidas, em diversas categorias para crianças e jovens, deve ser diminuído.

O relato do Treinador G vai ao encontro do que está acontecendo nas competições que ocorrem em âmbito regional, nas quais já estão sendo testados diversos formatos de modelos e pontuação nos jogos (FGT, 2020):

"Então, para eu dar uma opinião sobre onde a gente poderia mexer dentro do formato das competições seria, eventualmente, nas contagens [...]. O vôlei fez isso, fez uma mudança grande, né? Ponto lá, ponto cá, [...] e acabou aquela história da vantagem, desvantagem. Eu acho que mexer na contagem ali do 15, do 30, do 40, já foi mexido, que é o no ad. [...] Lembra, na nossa época, a questão dos games? Jogava, acabava 6/5, né? 10 anos era 6/5... não tinha. Então, acho que uma coisa nesse sentido. Se tu for ver, o tênis tá se mexendo pra isso. Wimbledon já tá lá, com o tie-break lá no 10x10, ou 12x12, ou sei lá, né? O Austrália Open já tá com o 'tie-breakão' no 5º set, né?"

Outro ponto mencionado pelos treinadores foi a respeito da mudança na liberação das competições infantis da categoria de 8 anos na quadra laranja. Anteriormente, não se tinha o conhecimento de crianças com menos de 9 anos competindo no estágio laranja. As crianças de 8 anos só atuavam nos festivais no estágio da bola vermelha. Dos 11 entrevistados, todos foram consensuais sobre essa evolução. Tal evidência é apresentada pelo Treinador G:

"Hoje, eu vejo [que] os jogos de 9 anos, de 8 anos, são lindos, são jogos que têm uma... um trabalho de abertura de quadra, que existe uma tática, que existe uma defesa, existe um ataque, existe um posicionamento de rede."

As competições nas categorias de 8 e 9 anos sofreram alterações significativas nos últimos anos. Nessas modalidades, a ITF (2019a) recomenda que os jogadores evoluam de uma fase para a seguinte no momento em que alcançarem sucesso e resultados significativos nas competições dos estágios laranja e verde ou apresentarem nível técnico para os próximos níveis durante os torneios.

Passada a categoria dos 9 anos, surge certo desconforto externalizado pelo Treinador I, com relação à transição para a próxima fase, o estágio verde. Sua insatisfação diz respeito ao hiato entre o estágio laranja e o verde:

"[...] não pegar aquela quadra laranja e ir direto para a bola verde. Com a quadra grande, [...] eu acho que a criança, ela retrocede nesse momento dos dez anos dali. Se tivesse uma quadra intermediária, entre a laranja e a quadra normal, eu acho que a criança não ia perder o que ela conquistou na quadrinha pequena ali, de sacar melhor, de sacar e volear, de atacar e ir para a rede."

Nesse sentido, cabe mencionar o estudo de Bayer, Ebert e Leses (2017), cujo objetivo era de comparar a estrutura de jogo do estágio verde com um novo estágio, o verde-limão. Os autores constataram um problema grave na transição do estágio laranja (9 anos) para o estágio verde (10 anos). As crianças do estágio laranja, que praticam jogos ofensivos, muitas vezes finalizando os pontos na rede, no estágio seguinte (verde), acabam por ter enorme dificuldade de alcançar o desempenho esperado. O fato de a quadra ser maior, somado à utilização de uma bola com maior velocidade, provoca uma dificuldade para o tenista conseguir golpear as bolas de uma forma mais agressiva. Consequentemente, os jogadores ficam mais no fundo de quadra, retrocedendo seu nível de jogo. Em consonância com a declaração do treinador, os pesquisadores acreditam que as dimensões da quadra poderiam ser modificadas mais uma vez, antes de se chegar ao tamanho da quadra oficial. Diversos parâmetros de desempenho foram estabelecidos, e os resultados obtidos comprovam que os tenistas dessa idade (10 anos) têm maior facilidade de jogar nessas novas dimensões (20,77 x 7,19 metros). Com as adequações propostas pelo estudo, as crianças voltam a realizar golpes com maior velocidade e precisão, fato que não ocorre no estágio verde. Conforme estudos de Gonçalves et al. (2016), a categoria verde é o estágio de competição para o qual há o maior número de propostas de adequações.

Com relação à categoria de transição do Tennis 10's para o modelo tradicional, no Brasil, o Treinador J declara que há uma diferença nessa passagem de nível, em comparação aos demais países. Ele comenta a respeito das crianças que saem de um modelo de competição mais curto e, na virada do ano, já precisam ir para um modelo de disputa com partidas mais longas:

"Eu vejo uma pequena falha, uma pequena falha, ali, que poderia corrigir: a verde pro 12. Ali, eu acho que tem uma coisinha que poderia melhorar [...]. Uma criança de 10 anos, joga set curto, com no ad, aí cai nos 12, joga melhor de três sets, bola rápida, e se tentou botar pelo menos... Não tem o 11 na ITF [...]. A ideia do Brasil de ter o 11 é muito legal, só que eles não adaptaram a uma transição."

Existe uma categoria competitiva em estágio experimental no Brasil, que tem por finalidade abranger as crianças que não têm um nivelamento técnico tão avançado como os tenistas que já competem desde o estágio laranja. São realizadas competições para as crianças de 11 anos com as dimensões oficiais de quadra, porém utilizando a bola verde (CBT, 2020).

Nesse sentido, os treinamentos e as competições devem ser orientados de modo que a transferência seja natural, não tendo o treinador a imprudência de colocar treinos desproporcionais nem competições não condizentes com o nível técnico de habilidade do jovem tenista.

Com relação à mudança do tipo de bola, é fundamental que o treinador tenha a sensibilidade de observar o momento em que a bola verde já não é mais necessária para o tenista; para que, com isso, ele possa experimentar, de forma gradual, a utilização da bola oficial.

Marques e Oliveira (2002) sugerem que as competições para crianças e jovens passem por uma qualificação, através de uma

reconstrução dos modelos de disputa, temas e parâmetros de avaliação. Como consequência, haveria uma reestruturação do processo competitivo para os novos jogadores, separando-o totalmente do modelo de alto rendimento (modelo adulto). No início desse processo, a ênfase deveria ser o avanço das aptidões e o desenvolvimento das competências das crianças e dos jovens.

Corroborando essas afirmações, a ITF e suas afiliadas (ITF, 2019b), em diversas categorias, realizam competições em equipes para fomentar a participação e a integração de jovens tenistas, estimulando, também, o desenvolvimento desse formato de disputas. As competições por equipes começam pelas etapas iniciais, no Tennis 10's, principalmente no estágio laranja. As equipes participam em diversas modalidades, como competições estilo Copa Davis, equipes e round robin. Ainda, a entidade sugere que, no estágio da bola verde, sejam realizadas competições por equipes. O relato do Treinador K também vai ao encontro dessa sugestão da ITF (ITF, 2019b): "eu acredito que, quanto mais pudesse fazer, trabalhar em equipe, de pontuação por equipe, eu acho que seria uma forma bem interessante, uma avaliação".

Por fim, na visão dos treinadores entrevistados, apontou-se para uma maior adaptação das crianças às regras nas categorias iniciais, o que vai ao encontro da teoria preconizada por Marques (2004).

O contexto da relação vitória x derrotas

Sobre o contexto da relação vitórias versus derrotas, surgiram mais relatos em que os treinadores entrevistados abordam situações em relação aos resultados dos jogos de seus tenistas e os treinamentos. No âmbito geral, não se apresenta uma unanimidade nas declarações dos entrevistados. Eles apresentaram acertos e falhas na conduta de treinadores ao lidar com seus atletas em treinos e em competições. Seus relatos demonstram que alguns treinadores realizam a lapidação dos atletas com relação a vitórias e derrotas até a fase adulta; já outros não tinham a mesma habilidade.

Nessa questão, existem dois pontos divergentes, apontados pelo Treinador J: primeiro, com relação à reação de determinadas crianças a uma vitória ou derrota: "ela reflete a personalidade dela fora da quadra, dentro de um simples jogo, né? Como ela reage quando ela perde dentro de um joguinho, como ela reage quando ela ganha." (TREINADOR J)

Marques (2004) reforça a linha de pensamento de que não se deve exacerbar as vitórias obtidas nem provocar exageros sobre as derrotas. Para ele, esses dois momentos devem ser trabalhados com naturalidade pelos adultos, a fim de proporcionar às crianças e aos jovens a ênfase no desenvolvimento psicossocial e físico, por exemplo.

Esses depoimentos refletem uma dificuldade presenciada pelos treinadores em todos os torneios. Existe um consenso entre os entrevistados quanto ao fato de diversas crianças e jovens não conseguem administrar suas emoções após as partidas. Conforme cada partida é finalizada, na hora da vitória, algumas crianças acabam por exagerar nas suas comemorações, assim como na derrota, quando, por vezes, acabam dramatizando o evento. Por outro lado, destaca-se a relação de fatores didáticos e psicológicos abordados entre treinadores e atletas.

Nesse sentido, cabe mencionar que a pedagogia competitiva desenvolvida no tênis inicia através do ensinamento dos valores morais e de conduta, independentemente da idade do tenista iniciante: “[a] conversa sempre é a instrução. Uma instrução especial, concreta e positiva se torna um processo pedagógico pra competição. Então, a conversa, em princípio, ensina a ver o que tem que fazer.” (TREINADOR F)

De acordo com essas considerações, é válido associar o relato desse treinador com o que afirma Marques (2004) sobre a competição preparar a criança para a sociedade através de seus valores. O trabalho de conscientização das crianças deve ser feito durante todo o período de formação, pois a absorção dos ensinamentos a respeito das vitórias e derrotas deve ser realizada não somente nas competições, como também nos treinamentos. As crianças e os jovens devem passar por essas situações, a fim de amadurecer como atletas e, futuramente, administrar melhor suas emoções.

A resolução de problemas foi outro aspecto importante abordado pelos entrevistados:

“Além disso, tem a parte, como a gente disse antes, da resolução de problemas. O tenista que consegue resolver mais problemas, com certeza, se ele não for um tenista profissional, na vida, ele vai conseguir resolver problemas com maior facilidade e mais naturalidade.” (TREINADOR A)

A esse respeito, Balbinotti et al. (2009) enfatizam a importância de um esforço educativo em diversas tarefas, a fim de motivar o tenista a vencer suas adversidades, estimulando, assim, a sua força de vontade. Nesse mesmo caminho, Gonçalves et al. (2016) apresentam a importância do incentivo à criança, para que ela tenha autonomia em suas tomadas de decisão.

O discurso apresentado pelos entrevistados sobre esse tema traduz uma sensação de expectativa de que as crianças e os jovens adquiram uma autonomia em suas tomadas de decisões, com relação à resolução de problemas, especialmente no decorrer dos treinamentos e das competições e ao longo do processo de formação e desenvolvimento como atletas e pessoas. Essas questões nos permitem observar que tenistas infantojuvenis que procuram tomar decisões e resolver seus problemas em treinamentos e competições se tornam tenistas mais arrojados e completos:

“Isso aí é muito importante quando a criança está iniciando a vida competitiva [...], saber lidar com as vitórias e derrotas. Então, a competição serve para que ela possa agregar o máximo de experiência pra carreira dela.” (TREINADOR E)

“Não adianta eu ter resultados, porque eu vou induzir o meu atleta a não ter atitudes corretas dentro da quadra, como despertar a ira do meu adversário ou marcar bolas erradas – usar de coisas que não tem nada a ver com o esporte.” (TREINADOR B)

Algumas condutas dos treinadores não condizem às boas práticas necessárias para uma formação holística dos tenistas conforme a recomendação de Marques (2004). Isso pode decorrer de uma formação deficiente nesse sentido por parte dos próprios treinadores.

A frequência dos jovens tenistas nas competições

A respeito desta categoria, pode-se constatar que muitos treinadores adiam a participação de atletas em competições por receio de perdê-los em consequência de derrotas; e, por outro lado, alguns tenistas participam com muita frequência de

competições sem receberem o feedback adequado de seus treinadores. Conforme os depoimentos, grande parte dos treinadores entrevistados sugerem que deixem as crianças e jovens bem livres e descontraídos. O momento em que elas se sentem mais preparadas e com maior vontade de competir é o momento das intervenções, no intuito de promover uma maior frequência de participação em torneios. A evidência é comprovada pelo relato do Treinador C: “À medida que o menino for se desenvolvendo, tendo mais sucesso e tal, naturalmente [ele] vai tomando gosto pelas competições e, aí, vamos aumentar o número de competições ao longo do ano”.

Não existe um consenso a respeito da quantidade de competições de que cada desportista deve participar (ROST, 1997; MARQUES, 2004; BOMPA, 2006). Destaca Gonçalves (2014) que, quanto mais a criança compete, tanto mais ela se apropria da dinâmica dos resultados, vitórias e derrotas, ficando mais preparada para as competições.

Outro aspecto relevante, conforme as declarações de alguns dos entrevistados, diz respeito às situações que acontecem com frequência nas competições de tênis infantojuvenis: diversas crianças e jovens acabam participando de disputas sem estar devidamente preparadas. Esses fatos são indicados pelos entrevistados como falta de preparação de diversos treinadores, que costumam introduzir e manter, muitas vezes de forma forçada, seus atletas nas competições, sem a devida preparação antes, durante e depois das competições: “Às vezes, abandona a competição simplesmente por não gostar da competição.” (TREINADOR A).

Constata-se que não é nada salutar para uma criança ou um jovem praticar o esporte nessas condições. É possível, entretanto, recomendar que procure outro esporte, antes que perca a motivação e deixe de praticar não só o tênis, mas outros esportes também, no decorrer de sua juventude.

Roertert, Woods e Jayanthi (2018) sugerem que, em termos biológicos, para a decisão pela participação regular em competições, a criança deve, primeiro, alcançar seu crescimento e maturação adequados. Com relação aos aspectos psicológicos, a criança deve ser colocada, gradativamente, em contato com situações que impõem responsabilidade ou pressão, devendo ser encorajadas ao longo do processo. Recomendam, ainda, que treinadores não priorizam a quantidade de competições, mas, sim, a qualidade, visando à adaptação de cada criança e jovem nas competições tenísticas infantojuvenis. Através dos relatos dos treinadores, percebe-se que muitos dos entrevistados têm a sua própria forma de avaliar seus tenistas e moldar seu desenvolvimento em competições conforme sua maturação e seu desenvolvimento psicológico.

Por isso, não se pode harmonizar os resultados com a teoria de Marques (2004) no que tange à frequência nas competições. Novamente, mostra-se necessário estudar que práticas podem ser oferecidas aos treinadores para que aprendam a avaliar melhor as potencialidades de seus jogadores e decidir com mais segurança quando os tenistas estão aptos para competir.

CONCLUSÃO

Como conclusão do estudo, pode-se verificar que, na perspectiva dos entrevistados, pouco se evoluiu com relação ao desenvolvimento dos jovens tenistas para as competições. Refe-

rente à categoria “adequação das regras a partir da infância”, a primeira questão norteadora deste artigo, os treinadores entrevistados revelaram uma melhor adaptação das crianças e jovens com relação às regras dos torneios de tênis, principalmente nas categorias iniciais. Os treinadores ainda ofereceram sugestões para alterações de regras e práticas relevantes para a categoria mencionada, corroborando a teoria de Marques (2004).

Com relação à segunda categoria proposta pelo autor, denominada “a relação pedagógica entre vitórias e derrotas” (MARQUES, 2004), através dos relatos dos entrevistados, fica evidente que as práticas atuais não atendem aos pressupostos elencados. Já na terceira categoria norteadora, denominada “a importância da frequência na participação ou não das competições”, o contexto atual não atende às recomendações de Marques (2004), já que os treinadores entrevistados apontam que os tenistas ou estão competindo demasiadamente sem o feedback adequado de seus treinadores, ou são proibidos de participar devido ao medo, por parte dos treinadores, de que isso gere frustração e desistência.

As conclusões, contudo, são preliminares, devido ao tamanho da amostra de entrevistados. Destaca-se, entretanto, que houve divergências com as práticas propostas pela teoria de Marques (2004). Na segunda categoria, houve uma divisão de opiniões com relação a considerações sobre a preparação dos atletas, por exemplo, no que diz respeito às intervenções sobre as derrotas. Já sobre a frequência das competições, as opiniões divergem a respeito de se promover o maior número possível de participações para os tenistas, a fim de que eles aprendam a lidar com torneios através da experiência, ou de promover a seleção cuidadosa de participações, no intuito de protegê-los de adversidades emocionais. Este estudo mostra que mais pesquisas são necessárias para que se possa oferecer o melhor modelo de treinamento e de competição não só para jovens jogadores de tênis, como também para competidores infantojuvenis de diversos esportes.

Os treinadores, por terem contato direto com os jogadores, são fontes ricas de informação que podem oferecer sugestões adequadas de melhoria ou perceber falhas em diversos âmbitos do esporte, em consonância com diversos estudos acadêmicos. Além disso, a divergência entre as boas práticas recomendadas na literatura e as condutas efetivas de alguns treinadores mostram que é necessário divulgar o conhecimento teórico entre os profissionais da área. Portanto, mais estudos são necessários para investigar de que modo intervenções do tipo podem ser feitas.

REFERÊNCIAS

- AIRES, H.; GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R. T.; BALBINOTTI, C. A. A. As competições infantojuvenis à luz da pedagogia do esporte. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v. 34, n. esp., p. 122-39, 2016.
- BALBINOTTI, C. A. A.; BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L.; JUCHEM, L. Aspectos motivacionais do tenista: prazer versus competitividade. In: BALBINOTTI, C. *O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 99-112.
- BAYER, D.; EBERT, M.; LESER, Roland. A comparison of the playing structure in elite kids tennis on two different scaled courts. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, London, v. 17, p. 1-10, 2017.
- BALYI, I.; HAMILTON, A. Long-term athlete development: trainability in childhood and adolescence. *Olympic Coach, s.l.*, v. 16, n. 1, p. 4-9, 2004.
- BOMPA, T. O. *Total training for young champions*. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- BOMPA, T. O. Treinamento total para jovens campeões. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. *Pedagogia do esporte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-61.
- BOMPA, T. O. *Periodization: theory and methodology of training*. 5. ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CBT. Confederação Brasileira de Tênis. *Regulamento do circuito nacional tennis kids categorias 8, 9, 10 e 11 Anos*. 2020. Disponível em: <http://www.cbt-tenis.com.br/arquivos/teniskids/teniskids_5e5fc-78d4651f_04-03-2020_12-21-49.pdf>. Acessado em: 12 de fevereiro de 2020.
- DE ROSE JÚNIOR, D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: DE ROSE JÚNIOR, D. *Esporte e atividade física na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DE ROSE JÚNIOR, D.; KORSKAS, P. O processo de competição e o ensino do esporte. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. *Pedagogia do esporte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-61.
- FGT. Federação Gaúcha de Tênis. *Regulamento técnico 2020*. 2020. Disponível em: <https://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id4301/anexos/anexo_1578054942.pdf>. Acessado em: 26 de fevereiro de 2020.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2012.
- FLICK, U. *Introdução a pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GONÇALVES, G. H. T. *A competição de tênis como modelo de formação e de educação das crianças: o caso da categoria até 10 anos*. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R. T.; AIRES, H.; BALBINOTTI, C. A. A. Contribuições da competição de tênis e formação de crianças. *Journal of Physical Education*, Maringá, v. 27, n. 1, p. 3-14. 2016.
- ITF. International Tennis Federation. *Stages of Tennis 10s*. Londres: ITF, 2019a. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/tennis10s/about-tennis10s/stages-of-tennis10s.aspx>>. Acessado em: 22 de dezembro de 2019.
- ITF. International Tennis Federation. *Tennis 10s: Manual*. Londres: ITF, 2019b. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/resources/resources.aspx>>. Acessado em: 22 de novembro de 2019.
- MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, V. J.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C. (Eds.). *Esporte e atividade física: interação entre rendimentos e saúde*. São Paulo: Manóel, 2002. p. 51-78.
- MARQUES, A. T. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-96.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resolução nº 466*, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acessado em: 13 de junho de 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Resolução nº 510*, de 7 de abril de 2016. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acessado em: 22 de julho de 2020.
- NEGRINE, A. Instrumentos de coletas na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVINOS, A. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 63-99.
- ROETERT, E. P.; WOODS, R. B.; JAYANTHI, N. A. The benefits of multi-sport participation for youth tennis players. *ITF Coaching and Sport Science Review*, London, n. 75, p. 14-7, 2018.
- ROST, K. As competições no desporto juvenil. *Treino Desportivo*, Lisboa, v. s.i., p. 3-10, 1997.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos treinadores participantes desta pesquisa.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Rodrigo Borges Silveira (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0002-7165-7830.

E-mail: rbsilveira21@yahoo.com.br

Carlos Adelar Abaide Balbinotti

ORCID: 0000-0002-6358-1848.

E-mail: carlos.balbinotti@ufrgs.br